

INDISCIPLINA E INTOLERÂNCIA: reflexões sobre o ambiente escolar

Alisson Vinicius dos Santos¹

Orientador: Prof. Sérgio de Freitas Oliveira²

A indisciplina e a intolerância são questões intensamente discutidas hoje em dia no ambiente escolar. As consequências desses atos são visíveis e o filme *Vem dançar* traz-nos grandes contribuições para essa reflexão. Gostaria de destacar dois fatores expressos no longa-metragem que contribuem para a discussão em questão: o primeiro é o descaso da direção e do corpo docente da escola em relação aos alunos considerados delinquentes e sem recuperação; o segundo é a necessidade de uma atenção e de um olhar diferenciados na direção desses alunos como sujeitos dotados de potencialidades. Por que nossos alunos são indisciplinados? Por que a escola não tem dado conta de oferecer uma formação consistente e de qualidade a esses educandos? Por que a questão dos valores éticos e morais estão sendo banalizados? Essas e outras muitas perguntas ecoam nos corredores de nossas escolas e na cabeça de muitos educadores.

As famílias, cada vez menos, dão conta da formação desse sujeito e transferem para a escola a tarefa de educar (FERREIRA, 2008). A escola, instituição governamental, não oferece condições para que esse sujeito seja formado integralmente. A escola tem a incumbência de acolher e formar e, quando não possui mínima estrutura física nem pedagógica, nosso aluno é marginalizado dentro da própria instituição. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96, Art. 2º), a educação é tratada como um dever da família e do Estado. Quando o papel dessas duas instituições não é cumprido, o direito subjetivo do aluno é ferido, conforme o Art. 5º da mesma lei.

O filme *Vem dançar* confirma situações reais ocorrentes nas instituições escolares. Alunos considerados indisciplinados são excluídos dentro da própria escola, que tem a função de acolhê-los. Percebe-se que ainda há poucas iniciativas e projetos voltados para a formação desses sujeitos que, por ora, por erro e acerto, estão em busca de alguma forma de direcionamento. Escolas, baseadas na seleção (PERRENOUD, 1999, p. 11), que premiam alguns alunos e marginalizam outros, são uma realidade. O filme faz um paralelo da vida familiar e social do aluno com a vivência dele na escola.

¹ Graduando em Pedagogia pela PUC Minas. E-mail: alissonvsantos@yahoo.com.br

² Psicopedagogo. Professor do Curso de Pedagogia da PUC Minas. sergiofoliveira@globo.com

Fica evidente que aquele aluno que já sofre as dores da exclusão, vítima das precárias condições socioeconômicas e da desestrutura familiar, fora dos muros da escola, continua a sofrer seus impactos dentro dela e, muitas vezes, por causa ou com o consentimento daqueles que têm o papel de educar. A comunidade escolar não pode assumir qualquer tipo de postura que favoreça a exclusão. Segundo Ferreira (2008, p. 48), “é necessário conhecer seus alunos e o contexto no qual vivem, além de usar de um bom planejamento”, porque, muitas vezes, a realidade familiar e social desse aluno é dura e precisa ser levada em conta no plano de aula dos professores e no projeto político pedagógico da instituição, que deve, no entender de Junqueira (2002, p. 37), “possibilitar à escola visualizar os problemas e organizar-se para interferir na realidade”. A escola não pode fechar os olhos e simplesmente ignorar. Para Ferreira (2008, p. 47), “quanto mais avançados em idade, maior é a exigência por parte dos alunos com relação à atuação do professor, à clareza de objetivos, à sua criatividade de relacionar-se”.

É necessário criar novos projetos, inovar, rever os conceitos, pensar estratégias que tragam nossos alunos para o centro das atenções, público alvo da prática docente. Para isso, é preciso acreditar e investir em um ensino transdisciplinar em que, além dos conteúdos básicos de cada disciplina, perpassem como coluna vertebral valores que formem de fato cidadãos conscientes (BRASIL, 2001), capazes de direcionar a própria história de vida. O personagem principal, Pierre Dulaine, interpretado por Antonio Banderas, sofreu rejeição e resistência do próprio corpo docente da escola, à qual ofereceu suas aulas de dança como trabalho voluntário. Nota-se que aqueles que querem propor novas formas de aprendizagem podem sofrer resistências dos “tradicionais”.

Fica evidente no filme que a iniciativa de inclusão dos alunos tem que partir dos docentes, que precisam ter a mesma postura que almejam para seus educandos. O professor precisa utilizar o conhecimento de mundo dos alunos em conexão com o planejado e os objetivos propostos por ele. Confiabilidade, segurança, paciência, tolerância, envolvimento, estímulo, levar em conta a realidade e a valorização do outro e desenvolver potencialidades são questões que precisam estar constantemente presentes em reflexões sobre a prática docente.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto; Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**: Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. 5. ed. Brasília: Coordenação Editora Câmara, 2010. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf> Acesso em: 19 nov. 2010.

FERREIRA, Amauri Carlos. A formação de valores frente a práticas educativas vivenciadas pelos professores de educação religiosa no ensino fundamental. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 45-53, set. 2008.

LILIAN, Anna. **Ensino Religioso e sua relação pedagógica**. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2002, p. 33-58.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999. 183 p.

VEM dançar. Direção Liz Friedlander. Produção: Christopher Godsick, Michelle Grace, Diane Nabatoff. Intérpretes: Antonio Banderas; Rob Brown; Alfred Woodard; Dante Basco e outros. Roteiro: Dianne Houston. EUA: New Line Cinema, 2006. 1 DVD (108 min.), colorido.